

“TUDO PARA MIM É NO COLETIVO”: TENSÃO, EXPERIÊNCIA E DEMOCRACIA

*Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Marcio Caetano (UFPel) ao Prof. Dr. Samilo Takara¹ (UNIR) em 8 de abril de 2021.

INTRODUÇÃO

Marcio (Rodrigo Vale) Caetano² é atualmente professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atuante na Graduação e na Pós-Graduação e pesquisando na Linha de Formação Docente, Currículo e Culturas. Entre os anos de 2011 e 2020 esteve docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e trabalhou nas atividades administrativas, de Ensino, Pesquisa e Extensão.

É de 2011 a defesa da sua tese de Doutorado intitulada **Gênero e sexualidade: um encontro político com as epistemologias de vida e os movimentos curriculares** que perfaz uma contribuição necessária para problematizarmos as interações entre as experiências, as vivências e os conceituais de Gênero e Sexualidade na Educação. Antes da defesa da tese, Marcio já contribuía com a pesquisa acadêmica e a atuação política nos espaços educacionais.

No entanto, embasada pela perspectiva de contribuir para uma análise no cenário dos últimos dez anos (entre 2011 e 2021), a entrevista tem por enfoque registrar as alterações no campo da Educação neste período e dialogar com a contribuição para pensar os campos de Gênero e Sexualidade na Formação Docente.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação *Campus* José Ribeiro Filho e do Departamento de Educação do *Campus* Rolim de Moura da Fundação Universidade Federal de Rondônia (DEPED-RM/UNIR). Pós-Doutor em Comunicação pela UEL. Doutor em Educação pela UEM.

² Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2262480943131351>.

Podemos conhecer uma trajetória de contribuições na atuação de Marcio na Universidade por meio de números que estão visíveis no Currículo Lattes: entre 2013 e 2018 foram 9 projetos de Iniciação Científica finalizados, 10 Trabalhos de Conclusão de Curso orientados. Entre os anos de 2014 e 2018 foram orientadas três teses de doutorado e entre os anos de 2015 e 2020, 15 dissertações de mestrado. O professor ainda está orientando sete trabalhos que estão em diferentes etapas da formação. Além da contribuição da formação de pesquisadoras e pesquisadores, entre os anos de 2011 e 2021 foram 42 capítulos de livros, 11 livros organizados, 53 artigos publicados em periódicos.

Dados relevantes para uma academia que também tem como viés contribuir com a produção de conhecimento, mas Marcio tem outras contribuições de igual importância e de diferente sentido para pensar a atuação do professor como pesquisador, como ativista e como uma pessoa que contribui para a Educação: “Eu não escrevo sozinho. Toda a minha produção é conjunta. Tudo para mim é no coletivo. Eu só existo hoje, ainda existo hoje, a partir daquela existência que foi construída no movimento social”, explica Marcio quando conversávamos sobre a contribuição da sua produção acadêmica acerca do preenchimento de dados para o Coleta Capes para o PPGE em que ele é docente.

Marcio Caetano figura entre as professoras e os professores que contribuem para pensar a Educação no âmbito da formação docente inicial e continuada a partir de perspectivas de Gênero, Sexualidade, Raça, Etnia, Classe e outras marcações e intersecções que ele marca em seus textos e no diálogo que tivemos no decorrer desta entrevista.

As contribuições que Marcio nos oferece para pensarmos a Educação no contexto contemporâneo são relevantes em diferentes cenários. Nesta entrevista que segue, podemos aprender também sobre a contribuição das narrativas e das vidas para entender a potência do campo educativo, da pesquisa acadêmica e do ativismo que são tão necessários nestes tempos.

Em nosso diálogo, resalto a contribuição de suas produções e de suas ações para o campo educacional e para os estudos em Gênero, Sexualidade e Educação. Marcio nos oferece perspectivas e contribuições com a beleza do processo, com a possibilidade pedagógica da tensão e com a gentileza de nos oferecer outras perspectivas. “Eu ainda estou aprendendo, agora mais do que nunca com esses e essas que vieram antes de nós”.

Desse modo, convidamos a leitura a acompanhar as possibilidades e as indicações feitas nesta entrevista para conhecer outros modos de pensar e agir nos contextos educacionais. A Educação como espaço de transformação e de atuação nos possibilita outras formas de vislumbrar as condições em que estamos inseridas e inseridos. Esperamos que a leitura comova e constitua possibilidades neste contexto.

[Samilo Takara] Em sua tese, você traz Marcela Lagarde para tratar das biografias como dimensões epistemológicas e avança na discussão, propondo que essa biografia é também uma proposição metodológica. Neste percurso como pesquisador, como você compreende o papel da história do/a pesquisador/a na atuação sobre os temas referentes às pesquisas em Educação?

[Marcio Caetano] Eu tive contato com a Marcela Lagarde em 2010 quando estive no México. A Marcela Lagarde é uma das pensadoras feministas, uma das grandes pensadoras feministas da América Latina, do mundo, efetivamente. E foi autora da lei de feminicídio. Esse conceito de feminicídio, inclusive, é dela. Ou, pelo menos, ela se colocou como autora para nós, em 2010. Ela foi deputada no México, quando no período do quase extermínio das Mulheres em Ciudad Juarez, fronteira dos Estados Unidos.

O México é um país com a presença significativa de mulheres na política e, também, com a presença significativa das mulheres no espaço de poder. Tal como é significativa também a presença da comunidade LGBT nos espaços legislativos.

Então, do ponto de vista legislativo, o México tem avançado profundamente. A lei de adoção de filhos e de casamento no México é de 2010. Ou seja, quando começávamos a conversar aqui na Argentina, no Uruguai, lá já era lei, na Cidade do México, pelo menos, porque lá a estrutura é diferente.

E, nesse encontro com Marcela Lagarde, que é uma mulher muito forte, é professora da Escola Nacional de Antropologia, também. Ela soltou essa frase, entre várias questões. As nossas vidas, elas se constituíam, elas por si, verdadeiras epistemologias. Se a gente considerar que epistemologia seria esse campo de “comprovação” do conhecimento. Ou seja, esse campo que está preocupado, grosso modo, em validar que aquilo que é produzido é conhecimento.

E ela chamou a atenção. Olha, se as pessoas estão vivas, em um mundo de profunda desigualdade, de profunda violência, nessa lógica do capital, nessa lógica do racismo, a vida desses sujeitos já são verdadeiros contratos epistemológicos. Verdadeiros contratos de conhecimento. E aquilo para mim foi profundamente impactante. E foi muito impactante em um contexto. E isso é muito louco porque isso é parte de um contexto que faz pouquíssimo tempo do ponto de vista cronológico, mas de profundas alterações.

Estamos falando de um contexto em que os estudos de gênero e sexualidade, mais especificamente, voltados a questão LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais). E essa sigla, inclusive, naquele contexto era outra, e a própria descrição da sigla é outra. E a própria descrição da sigla é um debate interessante.

Naquele contexto, no campo da Educação era um verdadeiro hiato. Nós não nos configurávamos como tema a ser debatido no campo da Educação, porque, efetivamente, não existíamos. Para você ter uma ideia, um dos primeiros artigos que eu escrevi com a Mary Rangel. Eu acho que tem uma coisa da ancestralidade. O movimento negro e o movimento indígena nos ensinam muito neste sentido. A Mary Rangel foi uma dessas responsáveis, do ponto de vista de ter abraçado uma agenda,

que não era dela, efetivamente. Ela é uma mulher cis³ e hétero⁴. E ela abraçou aquela agenda dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Um programa com uma forte presença, naquele contexto, ainda com os estudos marxistas. Uma determinada leitura dos estudos marxistas.

É preciso pautar que existem leituras, já existem leituras feministas que entendem a necessidade de interseccionalizar classe com outros marcadores. Não se resolve a opressão de classe, deixando os outros marcadores sem problematizá-los. Porque senão você acaba com a desigualdade de classe e mantém a desigualdade de gênero, de raça etc. Os primeiros textos que escrevi junto com Mary era exatamente sobre isso, o texto era “Os excluídos das representações sociais da exclusão”. Nós debatíamos o quanto a população LGBT estava excluída da ideia de exclusão dos sujeitos da Educação. Nem entre aqueles e aquelas que eram excluídos e excluídas da escola nós nos configurávamos, então nós não existíamos.

No campo da Educação, nós não existíamos enquanto população a ser debatida. Até porque, existia uma certa ideia de que a sexualidade estava no âmbito do privado. Em suma, o fato é que, neste momento em que a gente discute a escrevivências com a Conceição Evaristo, talvez isso tenha uma materialidade maior e uma significância maior, mas naquele contexto, o único modo que nós poderíamos ocupar uma existência, era falando em primeira pessoa. E aí, nesse sentido, essa ideia que eu tomo emprestado de Marcela Lagarde, das feministas.

As feministas nos ensinaram muito. Todas elas, de todas as suas perspectivas nos ensinaram muito e foram centrais para os estudos *queer* e LGBT. Falar na primeira pessoa foi central e vem sendo central para todos os segmentos excluídos da produção do conhecimento. Para produzir conhecimento, a gente precisa existir. E

³ “Chamamos de cisgênero, ou de ‘cis’, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento” (JESUS, 2012, p. 10).

⁴ “Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica” (JESUS, 2012, p. 26).

para existir, a gente precisa primeiro falar e na primeira pessoa. Precisamos ter uma certa materialidade, por mais difícil que isso possa ser. Como estou hoje, é uma configuração difícil, mas é preciso construir essa narrativa.

[ST] Nas atuações acadêmica e política, quais são suas análises sobre o campo da Educação e as resistências dos estudos de gênero no âmbito dos PPGs nos últimos 10 anos?

[MC] Com esse cenário de poucos anos, estamos falando de dez anos. Tínhamos naquele contexto, pouquíssimos trabalhos: os trabalhos do Anderson Ferrari, de Minas Gerais, do Luiz Palhano, do Ceará. Os trabalhos que eu tenho registro e que eu tenha mapeado naquele contexto. Eram esses os trabalhos no campo da Educação. E eram esses, inclusive que eram do campo da Educação, mas que não se voltavam necessariamente para a escola ou para debater docência, mas estavam lá no campo da Educação.

Eu acho que é importante demarcar. E é mais interessante ainda que se você for visualizar, mapear esses primeiros trabalhos são de sujeitos que vieram dos movimentos sociais e que foram para a academia disputar a existência dentro desse campo. Porque o que é o movimento social, se não a criação de um espaço de mobilização que reivindica por meio de uma atuação política, o direito a existência, o direito a dignidade. São pessoas que dentro desses espaços do movimento social, aprenderam a existir, se fortaleceram do ponto de vista da sua subjetividade, adquiriram as ferramentas necessárias e foram para o front para a academia. Porque essa é a lógica, porque foi um front de alguma forma.

Então, o movimento social instrumentalizou essa galera. O Luiz Palhano era do Resistência Asa Branca, o Anderson Ferrari era do MGM (Movimento Gay Mineiro), eu mesmo venho da trajetória do movimento gay carioca. Vim do Grupo 28 de junho,

de Nova Iguaçu e depois do Grupo Arco-íris, do Rio de Janeiro. E, se você for olhar, esse mesmo movimento vai ocorrer em outros segmentos.

Na Antropologia não foi diferente. O Peter Fry, um dos fundadores da Antropologia no Brasil, está lá na árvore genealógica do movimento LGBT, no Brasil. O próprio Luiz Mott. Essa galera que vai abrir espaço na academia, são pessoas que se constituíram, do ponto de vista da sua existência dentro do movimento social e depois vão para a academia, para fazer o debate, demarcar um espaço dentro da academia e, também, de alguma forma, problematizar as ações do movimento social. São movimentos profundamente articulados, são movimentos implicados. A gente vai e demarca um espaço na academia e também problematiza o movimento social, do ponto de vista de não permitir sua cristalização.

Por isso eu acho, particularmente, que a gente tem que olhar para o movimento LGBT, problematizá-lo sempre, mas reconhecer seu caráter agregador, porque poucos movimentos sociais são tão agregadores do que o movimento LGBT. Porque ele se reconstrói com muita facilidade, do ponto de vista de se permitir, de refazer, para agregar. Você veja que era Movimento Homossexual, depois, virou Movimento Gay, virou Movimento Lesbi-Gay, depois, Trans, Travesti, Lésbica e Gay e vai aumentando as letrinhas e que todas as letras do alfabeto sejam usadas para dar conta da pluralidade e da diversidade que nós nos constituímos. Claro que isso não se dá sem tensão. Tem tensão e tem que ter tensão. Porque na ordem da política, a tensão, ela é pedagógica. Ela não é só pedagógica, como ela é necessária para potencializar e aprimorar a democracia. O embate é importante. O que não pode é ser autoritário.

Agora tem uma questão, quando pegamos esse contexto, muita coisa mudou profundamente. O próprio GT 23 Gênero, Sexualidade e Educação da ANPed (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), nós visualizamos, o GT está consolidado. O tema está consolidado na ANPed. O tema está lá consolidadíssimo. E vários programas de Pós-Graduação em Educação, você tem trabalhos desenvolvidos. É difícil você encontrar um programa que não tenha

trabalhos sendo desenvolvidos. E mesmo as universidades mais novas, elas têm grupos de pesquisa.

Então, quando você vê, por exemplo, uma reação tão dura de governos conservadores, de estruturas conservadoras como essas, como essas que nós temos vivido mais recentemente, a gente vê o quanto nós avançamos. Porque não haveria de ser tão dura a reação se nós não tivéssemos avançado de modo tão significativo nesse campo.

Você sabe que hoje eu tive uma surpresa enorme. Algo que eu jamais teria vivido quando eu era professor da Educação Básica. Mudou o professor de História do meu filho. A professora de História do meu filho está doente, de licença médica e assumiu um professor novo. Meu filho estuda em uma escola filantrópica, aqui de Pelotas, uma escola católica, inclusive. Em cidades do interior, aqui no Rio Grande do Sul, as opções são pequenas.

É que esse professor que assumiu hoje, foi candidato a prefeito da cidade de Pelotas, pelo PDT. Nós não estamos falando de uma cidade qualquer, nós estamos falando de uma das maiores cidades do Rio Grande do Sul. Ele é uma liderança homossexual da cidade, do Movimento LGBT da cidade. É uma figura assumidamente homossexual. Não é uma pessoa que vive no interdito. É uma pessoa assumidamente homossexual. Essa pessoa está dando aula para crianças, em uma escola católica de uma cidade do interior. Algo que seria impensável quando eu era professor da Educação Básica.

Naquele contexto, vivíamos um interdito, era muito raro, isso era professor da rede pública que era uma relação completamente diferente, imagina na rede privada. Mas esse cara é professor de uma escola filantrópica, regime CLT e assumidamente homossexual. Isso quer dizer que acabou a homofobia? Não, não acabou, não é isso. Acabou a LGBTfobia? Não, não acabou. Não acabou e não vai acabar. Efetivamente. Infelizmente, não vai acabar. Não vai acabar na minha geração, né?

Mas vivemos realidades distintas em um curto espaço de tempo. Isso que aconteceu com o meu guri é um fator. A presença significativa da produção trans no campo da Educação, ainda que pequena, mas significativa. A população trans que está na pós-graduação, está na Educação. Não está na Antropologia, não está na área da Saúde, não está no Serviço Social, não está na Comunicação. Não está em nenhuma dessas áreas que tanto falam, inclusive, da escola e da Educação. Essas áreas falam tanto da Educação, mas não fizeram o trabalho de casa.

O campo da Educação tem sido um campo, do ponto de vista da pós-graduação, que abraçou o tema e o debate sobre diversidade sexual, sobre população LGBT, sobre teoria *queer*, sem sombra de dúvida. Isso vai se dar de modo desigual e combinado no país inteiro. Mas, no país inteiro, visualizamos alguns trabalhos, do Norte ao Sul do país nós vemos grupos acontecendo.

Se não tiver tensão, é dogma. Tem que ter tensão. A questão não é não ter tensão. A questão é democraticamente, debater a tensão. Assumir uma posição fundamentalista, sectária. A tensão se confugira como uma potência pedagógica. Por exemplo, quando a gente iniciou o nosso trabalho, a configuração dos estudos marxistas, nesta perspectiva acirrada, em torno da categoria de classe, não dava conta, até porque se nós nos voltássemos a este debate, nós continuaríamos na inexistência, porque só seríamos trabalhadores.

Não seríamos viados, não seríamos lésbicas, não seríamos viados pretos, não seríamos lésbicas mães, não seríamos travestis e trabalhadoras sexuais, não seríamos travestis pobres. Então, a categoria classe não dava conta. Então, fomos obrigados e obrigadas a buscar referenciais teóricos que dessem conta desse debate. Fizemos outras alianças para existirmos.

Agora, tem o seguinte: se não dava conta naquele contexto para demarcar um lugar de existência, dentro desse campo de produção do conhecimento, porque, inclusive, naquele campo de produção de conhecimento, era necessário discutir em primeira pessoa e a perspectiva nos cobrava discutir com um sujeito indeterminado.

Não dava para discutir com uma perspectiva indeterminado, porque a experiência era minha. Quem sofria a homofobia, quem sofria pelo não reconhecimento no espaço escolar, não era o outro, era eu. Quem sofre o racismo não é o outro, é uma pessoa negra. Então, a perspectiva era outra. Não dava para escrever com um sujeito indeterminado. A perspectiva teórica teria que dar conta em falar em primeira pessoa, a perspectiva teórica teria que dar conta de falar da experiência que eu vivia.

Hoje, mais que nunca, estudos de gênero e sexualidade, precisam interseccionalizar com classe. E, mais uma vez, as feministas nos ensinam. O feminismo negro vem nos ensinar. Aliás, já nos ensinava, porque quem começa esse reconhecimento da Interseccionalidade foi Lélia Gonzalez. Não foram os gringos. Já nas décadas de 1970 e 1980, ela já puxava esse debate da necessidade de interseccionar essas discussões.

E, detalhe, ela era marxista. Ela falava que era uma mulher negra socialista. Hoje é extremamente necessário, ainda mais nesse genocídio que estamos vivendo, que não deixa de ser feminicídio porque as mulheres estão sendo assassinadas. As pessoas que estão morrendo nesse genocídio são as pessoas pobres, a população LGBT pobre e preta. Então, a categoria classe é necessário. Não é jogar a água da banheira com o bebê dentro. Mais uma vez, uma frase que aprendi com uma professora. A gente jogou a água da banheira fora, mas o bebê continuou dentro. A classe está necessária, mais do que nunca necessária para a produção do conhecimento. É fundamental a Interseccionalidade.

Eu venho do campo dos movimentos sociais populares, porque depois que criaram esses movimentos como o MBL, é importante frisar que são movimentos sociais populares. E no campo dos movimentos sociais populares, nenhuma perspectiva, por si só, da conta da complexidade da existência. Eu tenho o hábito de repetir uma frase que eu ouvi de uma professora minha e eu repito muitas frases que eu ouço de minhas professoras. Porque o que eu sou tem muito dessas que passaram por mim. Eu sou o atravessamento delas.

Eu repito muito essa frase da Regina Leite Garcia, que ela costumava dizer que o cotidiano é o espaço/tempo onde as narrativas são postas à prova. Então, na complexidade da existência, essas narrativas são postas à prova. E aí, o que é importante para dar sentido naquela configuração, me é importante. O que não dá sentido naquela configuração, não é importante.

[ST] Ainda que seja instável (e temos vivido esta instabilidade de formas inenarráveis), existe prospecções para os próximos dez anos para a pesquisa em Educação? Quais são os nossos horizontes?

[MC] Hoje, a grande agenda é a defesa incondicional é a defesa do campo da educação. É a defesa incondicional da escola, da escola pública. Se tem uma coisa que deve ocupar a agenda de todos os campos progressistas da Educação, de todas as perspectivas teóricas é a defesa incondicional da escola pública. Porque se já vivíamos, antes, uma ameaça a grande conquista que tivemos com a constituinte de 1988, que era a universalização da Educação Pública e que foi reiterada com a LDB (9.394/96).

Nós temos hoje, cada vez mais, um processo de uberização do campo da Educação, agora temos a lógica do youtuberização do campo da Educação, da escola pública. Hoje, mais do que nunca, a defesa incondicional da educação pública deve ser uma agenda de todos nós, de todas nós, porque, pela escola pública que passa a população LGBT, pobre, negra. E que, efetivamente, pelo menos eu, me alio como preocupação do nosso campo de produção do conhecimento.

Como eu chamei atenção, se no início dos meus estudos, o meu campo de produção se voltava para gênero e sexualidade porque era necessário demarcar uma existência, e demarcar uma existência para campos que negavam a minha existência, inclusive, enquanto sujeito. Vale lembrar que o movimento LGBT se constituiu nas costas da Esquerda. As esquerdas nos ignoravam e isso se refletia na academia

também. Mas, isso não quer dizer que eu virava as costas, quem viravam as costas eram eles, eu não. Eu sempre estive preocupado com a dimensão de classe. E quando digo eu, digo pessoas como eu que estavam na academia.

A dimensão de classe sempre foi uma preocupação. Então, a defesa da escola pública é fundamental, porque é por essas vias que nós conseguimos que travestis pretas, viados pretos e pobres, lésbicas pobres venham a se escolarizar. E venham, efetivamente, a construir os meios necessários para disputar a cidadania dentro desse campo democrático. Essa é a agenda central se nós desejamos que as vitórias que nós obtivemos, por exemplo, nesse pleito eleitoral do ano passado, venham a se consolidar.

Se em 2010, e eu estou falando 2010, mas poderia falar da década de 1970, porque 2010 já é um resultado de um trabalho da década de 1970, do fim da década de 1970, que o movimento LGBT se emerge na abertura política, porque não foi uma vara de condão. A bicha apareceu. Não foi assim. Foi o resultado de uma trajetória. Teve o Peter Fry, que tem James Green, Marisa Fernandes, Alice Oliveira, que tem João Silvério Trevisan, que tem Rinaldo, Luiz Mott, que tem lideranças do país inteiro.

É uma ancestralidade que está aqui atrás. E que, inclusive, que tombaram para que em 2011, eu pudesse defender uma tese no campo da Educação e que inclusive outras teses pudessem ser defendidas no campo da Educação. Então, o que eu vejo nestes dez anos não é outra coisa senão a necessidade de unificação do campo progressista em defesa do Estado Democrático, da ampliação da cidadania e da escola pública e gratuita. É luta. É mobilização. É o que eu vejo nestes 10 anos. Onde nós chegaremos com isso, eu não sei te dizer. Mas, o que eu sou capaz de especular onde nós chegaremos sem isso. É, sem sombra de dúvida, o aniquilamento da nossa existência. O extermínio, o genocídio, que já está acontecendo com a pandemia da COVID-19.

[ST] Se pudesse dar uma orientação para as pessoas que estão iniciando suas trajetórias nas pesquisas, seja no âmbito da graduação, seja na pós-graduação, o que você indicaria como uma orientação para a formação de pesquisadores/as?

[MC] Felizmente, nós temos hoje uma vasta produção de conhecimento no campo da Educação. Porque, talvez nenhum outro campo tenha produzido tanto quanto o campo da Educação, no Brasil. Ainda que o campo da Educação precise se olhar mais, se acarinhar mais. Inclusive, significa, nos citarmos mais. Já participei de bancas, inclusive, que as referências eram de outro campo. Não é que o outro campo não seja importante. É que nós temos uma certa trajetória de produção do conhecimento. Vale a pena visitá-la.

Tem trabalhos interessantíssimos de intelectuais de todos os espaços desse país e seria injusto citar um ou outro. Agora, tem uma coisa que tem a ver com uma característica minha. Eu, de certa forma, entendo que tem valor: ouça os velhos. Ouvir os velhos e as velhas, ouvir aqueles que vieram antes de nós. Falar menos e escutar mais. O exercício da escuta, a pedagogia da escuta. Velho quando eu digo, eu digo do ponto de vista da experiência.

Novamente, uma professora minha disse que seria muito chato que a idade só trouxesse rugas. A idade também traz experiência. Ouvir aqueles que vieram antes de mim, ler aqueles que vieram antes de mim. Ouvir mesmo. Significa dar atenção a experiência que eu não tenho. Porque a experiência se adquire na vida. Não tem como se adquirir experiência sem espaço/tempo. Eu não tenho como comprar na loja. Ela se adquire na vida. Então, é importante dar uma atenção.

As leituras das feministas são primordiais. As lesbofeministas são centrais para os estudos da população LGBT. Não dá para você estudar população LGBT, se você não ler Monique Wittig. Não dá para você estudar teoria queer se você não lê Monique Wittig. Pelo menos, o contrato heterossexual, para mim é um texto central para você

entender esse regime heterossexual de governo da vida. Para entender esse regime androcêntrico do governo da vida.

Guacira Lopes Louro foi central para fundação dos estudos de gênero e sexualidade, sobretudo de sexualidade na Educação. Inclusive teve formação marxista. Guacira foi orientanda do Dermeval Saviani. E ela veio do materialismo histórico. Sua tese foi construída em cima do materialismo histórico. O campo de Sexualidade e Gênero na Educação deve muito aos trabalhos de Guacira e desenvolvidos pelo Geerge (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero)⁵.

Os trabalhos do Nudisex (Núcleo de Pesquisa e Estudo em Diversidade Sexual) desenvolvido lá na UEM pela Eliane Maio, os estudos desenvolvidos pelo GESED (Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade), os trabalhos desenvolvidos pelo Alexandro Rodrigues, estudos da Simone Brandão, sobre Lesbianidades, o grupo do Jonas Alves, Legesex - Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades⁶, que também é contemporâneo aos meus estudos, porque Jonas defendeu a tese, muito próximo da minha, na USP. Os estudos desenvolvidos pela Rosangela Aparecida Hilário na UNIR.

É essa galera toda que deu base, que suou, que foi com a foice, com o martelo, com muito glitter. Não é só foice e martelo, tinha muito glitter também. Ouvir essa geração é primordial. Eu fui agraciado na vida, porque eu tive a felicidade de encontrar professoras e professores que me acolheram. Se eu enfrentei a homofobia, eu também encontrei professoras e professores que me acolheram, como Mary Rangel, como Regina Leite Garcia, como professoras e professores da Educação Básica.

Essas professoras e professores podiam não entender absolutamente nada do que aquele menino estranho, meio reboativo, meio quebradeiro, mas que isso se tornava coadjuvante frente ao que eles entendiam que era necessário fazer comigo

⁵ Site do GEERGE/UFRGS: <https://www.ufrgs.br/geerge/>.

⁶ Site do Legesex/UFRRJ: <https://legesexufrj.blogspot.com>.

que era me acolher, me dar afeto. E eu tive a felicidade de ser acolhido nessa escola que tanto se fala mal dela. Eu entendo que precisamos olhar para a escola por esse prisma. A escola também acolhe. A escola também abraça. A escola também dá carinho. E a gente também precisa dar carinho nela agora, sobretudo agora quando se busca sequestrá-la.

É preciso olhar para os professores e as professoras que estão na escola. É preciso valorizá-los e valorizá-las porque, daqui a pouco, a gente corre o risco de não ter mais nem professora e professor. Ter um sistema de uberização institucionalizado e instituído na escola. E aí como que fica o afeto? Como ficam essas professoras e esses professores que eu encontrei e que, nessa mesma escola que eu sofri homofobia, elas e eles estavam lá para me acolher e me dá abraços.

Comete-se muito equívocos na escola, e não haveria de não cometer. Porque nós estamos falando em um espaço constituído de seres humanos. A escola se constitui como um espaço heterogêneo, impreciso e contraditório. Não falamos de uma fábrica, não falamos da construção de uma caneca. Estamos falando de um espaço de atuação do humano em todas as suas contradições, com todas as suas tensões. Então, não tem como não ser um caldeirão de tensões. O que entendo que é importante deslocarmos e, talvez, Marx nos ensina, os estudos marxistas nos ensinam que nestas tensões, existem deslocamentos. E, se não tem deslocamento, se cristaliza.

Eu confio muito nos nossos colegas e nas nossas colegas. É um campo problemático, tem os seus conservadores de plantão, mas não creio que sejam a maioria. Quando você vê o GDE (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) lotado de professores e professoras, você vê que não é a maioria. Com professores e professoras e sem nenhum incentivo. Mais professoras que professores.

Ela são mais de 80% da Educação. Em uma lógica patriarcal como a nossa, em que elas precisam lavar, passar e cuidar de filhos, porque nós vivemos em uma lógica machista em que a existência da mulher está profundamente significada em

torno desses trabalhos também, infelizmente. E desconstruir isso não é um movimento fácil. Aí, Simone de Beauvoir. E, mesmo com tudo isso, com essa loucura que é a existência de ser mulher, elas ainda encontram tempo de fazer GDE, de fazer curso de formação de gênero e sexualidade. Não me digam que elas não estão dispostas. Elas podem não fazer o que eu gostaria que elas fizessem, mas se elas fizessem o que eu gostaria que elas fizessem, elas não seriam elas, seriam eu. E a gente defende outra coisa. O que defendemos é um modelo democrático de Educação.

[ST] Sobre suas perspectivas e contribuições, como se percebe neste processo?

[MC] Eu tenho muito do movimento social popular no meu modo de ver a vida e, inclusive, de me organizar. E sinto muita falta da dinâmica do movimento social que é distante da dinâmica da academia. Porque, efetivamente, a resposta do movimento social é para agora. É preciso responder a demanda de existência imediata. Isso não quer dizer que eles não produzam conhecimento, que eles não reflitam sobre as ações. Nós da academia ainda temos esse tempo de depuração. Nós temos a produção do estado da arte, depois a análise de dados de acordo com o referencial, o cronograma metodológico de produção do conhecimento.

Essa lógica é um *modus operandi* distinto. Me deslocam e produzem em mim uma certa desterritorialização, que, por vezes é dolorido, porque toda desterritorialização, ao mesmo tempo que é produtivo, porque te tira do lugar da mesmice, de desloca para um novo, é dolorido porque, efetivamente, você vive em uma eterna desterritorialização. Eu sinto muita falta dessa dinâmica do movimento social. Mas entendo também que a academia é um espaço de disputa, disputa de produção do conhecimento, de disputa sobre aquilo que é produzido sobre nós.

Eu ainda estou aprendendo, agora mais do que nunca com esses e essas que vieram antes de nós. Então, quando você me faz uma pergunta dessa, não faz muito

sentido para mim. Eu não me vejo nesse lugar desses e dessas que para mim são as entidades.

A política da amizade, ainda é marcada por esse lugar. Eu não tenho amigos e amigas de outros lugares. Até as amigas que eu constituo na academia, eu não consigo visualizá-las, eu não consigo deslocar do movimento social. O que fazemos aqui é um ativismo acadêmico. Quem produz conhecimento a partir do campo dos sujeitos e sujeitas em situação de subalternidade, esse lugar ainda é o lugar de ativismo, ainda é o lugar de produção de luta e de existência. E, nesse sentido, nada é cristalizado. Essa existência ainda está por vir. É o devir. Está por vir.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. **Gênero e sexualidade**: um encontro político com as epistemologias de vida e os movimentos curriculares. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói/RJ, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO__CONCEITOS_E_TERMOS_-_2%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649. Acesso em: 10 abr. 2021.